

Jovens cobram mais lazer e programações culturais

Andreia Fiuza

Brasília não tem muitas opções de lazer. Mais do que uma simples queixa, a afirmação já se tornou um mito da cidade. Todo mundo reclama, compara com outras capitais e, mesmo com a infinidade de estabelecimentos que abrem e fecham todos os anos, o público nunca está satisfeito. Mas o que querem esses jovens que dizem que a cidade de não oferece diversão?

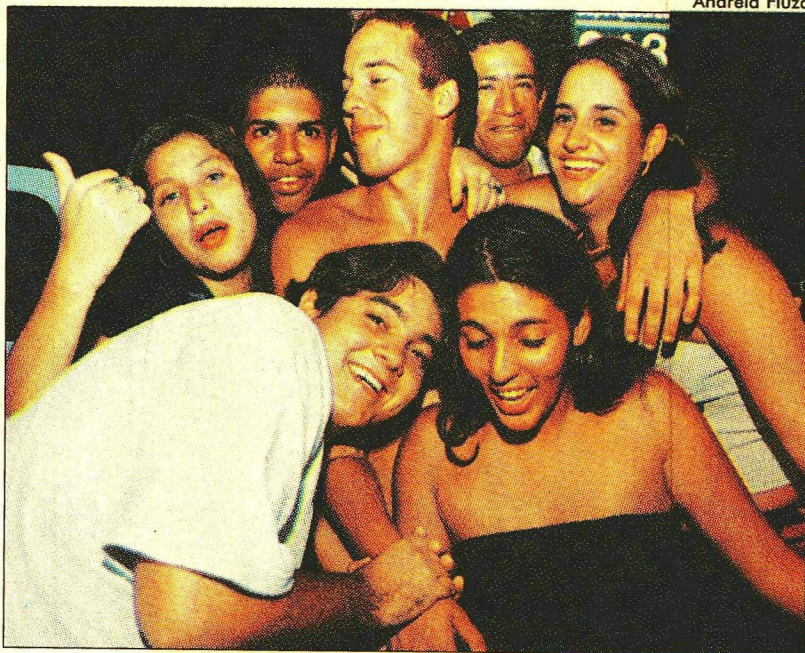
“A noite de Brasília é sempre a mesma coisa”, descreve João Paulo Ribeiro, 15 anos. “Você vai para os lugares e são sempre os mesmos climas, as mesmas músicas e as mesmas pessoas”. A reclamação de João Paulo, estudante do 1º grau e frequentador dos pagodes e bares da moda, reflete uma das principais queixas do público: falta de diversidade na noite de Brasília.

A garotada, principalmente os mais novos, que não têm carro ou renda para frequentar os lugares mais elitizados, acabam sempre nos mesmos bares, normalmente um mais democrático, que aceite menores de 18 anos. Junto com os representantes das tribos urbanas, eles são os primeiros a acusar os empresários de sempre pensarem no mesmo público: as patricinhas e mauricinhos.

Badalação

Geralmente ricos, preocupados com a aparência e loucos por badalação, esses jovens dominam os locais de diversão de Brasília. Em maior número, com mais dinheiro e mais fáceis de agradar, são o público-alvo dos comerciantes, que vêem aí uma boa oportunidade de ganhar dinheiro. O grande erro dos proprietários, porém, é imaginar que eles não exigem qualidade.

“Brasília tem a cultura dos bares temporais”, considera Simone Costa, 18 anos, estudante. “Olha o que aconteceu com o Aerobar, o Bofetada e, agora, com o Pistão Sul: tornaram-se uma febre e depois fecharam por falta de clientes”, lembra. Para Simone e o resto do público jovem, esses bares perdem por não apresentarem nada diferente. Eles aparecem, estouram em



PEDIDO da garotada da cidade: vida noturna diversificada

pouco tempo — fruto da sede da juventude por um lugar novo — viram o *point* da cidade, mas não conseguem se manter.

Aliada à mesmice que as acompanham, há uma outra razão para a queda no movimento das casas noturnas: a falta de estrutura que apresentam para atender ao grande número de clientes. “A gente passa a ter de sair de casa mais cedo, brigar por uma mesa e esperar horas para ser atendida”, reclama a arquiteta Alessandra Marques, 23 anos. Segundo ela, é normal as pessoas desistirem de ir a um lugar porque está muito cheio.

Circuito Alternativo

A preferência dos empresários por um mesmo tipo de cliente prejudica um público específico: os representantes das tribos urbanas. Mesmo com um número menor de membros, as tribos possuem personalidade e cobram seu espaço na noite de Brasília. Diferentes no estilo — podem ser *clubbers*, skatistas, intelectuais ou neo-hippies — eles fazem coro na hora de exigir qualidade e reclamar da falta de opções.

“Não existe um circuito alternativo”, condena Diego Semerene, 17 anos, aluno de Administração de Empresas na

AEUDF. Adepto do visual *clubber* e da música eletrônica, Diego vive das festas e de alguns cafés da cidade. “Quando abre um bar alternativo, logo fecha ou cede ao mercado das patricias”, dispara. O amigo Raphael Rocha, 17 anos, também se ressentido com a ausência de bom bares com música ao vivo, por exemplo. “Temos muito pouco espaço para MPB”, reclama.

Os amantes do rock formam outro grupo que se sente excluído das diversões noturnas. “Só temos a opção das festas e dos showzinhos”, contabiliza Vladimir Borges, 17 anos. “E ainda assim os shows são poucos, sempre nos mesmos lugares e limitados às bandas da cidade. Shows internacionais nunca chegam por aqui”, completa Thiago Guimarães, 15 anos.

Outra grande queixa comum à maioria dos jovens brasilienses é a inexistência de programas culturais na cidade. Mesmo sendo a capital do País, Brasília dificilmente recebe boas peças de teatro, bons filmes fora do circuito comercial, exposições ou festivais. “Lazer aqui se resume a festas, bares e alguns shows”, comenta Carolina Maciel, 18 anos.

PAOLA LIMA

Repórter do Jornal de Brasília